



A COPA DO MUNDO DE 2006: O “QUADRADO MÁGICO” E AS CATEGORIAS ANALÍTICAS DO FUTEBOL BRASILEIRO

Rafael Moreno Castellani

RESUMO

Este estudo objetivou identificar e analisar determinadas categorias analíticas sobre o futebol utilizadas pela mídia (Folha de São Paulo, de Maio à Julho de 2006). Categorias como o País do futebol, futebol arte, mágico estão bastante presentes na mídia esportiva e literaturas sobre futebol, ainda que algumas confrontem a existência destas categorias.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Copa do Mundo; Categorias Analíticas.

INTRODUÇÃO

Ao falarmos de Copa do Mundo de futebol é preciso ter claro que estamos tratando de “um grande fenômeno socioeconômico” (FRANCO JUNIOR, 2010) capaz de mobilizar nações no mundo todo. Para DaMatta (1994, p.12), a relação da sociedade brasileira com o futebol é tão profunda que se configura como uma atividade capaz de mobilizar e apaixonar as massas, promovendo no povo brasileiro sentimentos básicos de identidade individual e coletiva.

A Copa do Mundo FIFA de 2006, nosso principal tema de reflexão neste estudo, teve papel de destaque no futebol mundial devido a excelência na sua organização. Os preparativos para a Copa do Mundo, especificamente referentes à mobilidade urbana (ampliação e modernização), começaram a serem efetivados oito anos antes de sua realização. “A cultura alemã teve seu ponto forte realçado com o sucesso na realização do evento e demonstrou superação quanto a seus pontos culturais mais vulneráveis”. (RITCHER, 2014. p.149)

Entre torcedores, jornalistas, representantes de federações, convidados e parceiros comerciais da FIFA, estima-se que 3,4 milhões assistiram nos estádios, ou arenas como marca da modernidade no futebol, os 64 jogos da Copa do Mundo de 2006. Além destes, outras 21 milhões de pessoas acompanharam as partidas num espaço criado especificamente para transmissão das partidas denominado de “FIFA Fan fest” (RITCHER, 2014. p.149).



Apesar deste breve panorama acerca da Copa do Mundo de 2006 realizada na Alemanha, o que justificou minha opção em analisar esta Copa e não outra qualquer, não está diretamente relacionada à estrutura, organização e/ou legados desta edição, mas sim o discurso pautado em algumas categorias de análise do futebol brasileiro, tais quais o estilo brasileiro de jogar, futebol arte, a ginga, a magia, o Brasil como o país do futebol, entre outras, como consequência da convocação de quatro jogadores brasileiros de destaque mundial (e deles já eleitos os melhores do mundo), que juntos formaram o “quadrado mágico”. Assim, busquei realizar uma análise das notícias veiculadas acerca das partidas realizadas pela seleção brasileira na Copa do Mundo de 2006, com maior atenção às quartas finais, ocasião em que a seleção brasileira enfrentou a seleção francesa. Tal como a seleção do Brasil, a Francesa também será merecedora de análise neste estudo a partir do seu desempenho na partida contra o Brasil.

Dessa forma, este estudo tem por objetivo identificar e analisar as categorias analíticas sobre o futebol presentes na mídia - seja no debate jornalístico, ou no discurso de atletas e demais entrevistados -, no decorrer da cobertura jornalística da Copa do Mundo de 2006.

Partirei do pressuposto de que “a mídia constrói e formata um discurso sobre o futebol assentado nas falas dos seus outros atores, profissionais e torcedores, e o faz utilizando-se de estratégias técnicas e ideológicas desse discurso” (TOLEDO, 2000, p.11). Por sua vez, as formas de apropriação do futebol pelas pessoas, no modo de praticá-lo e usufruí-lo, estão vinculadas “a um cotidiano não necessariamente imobilizador, aparecendo como um fenômeno discutido e experimentado por muitos, mesmo entre aqueles que pouco conhecem de sua história ou de suas regras, ou o desempenho dos próprios times”. (TOLEDO, 2000, p.11)

O principal meio midiático analisado foi o jornal impresso, especificamente a Folha de São Paulo, disponibilizado em acervo digital, tendo como delimitação temporal o período de Maio a Julho de 2006. Ainda assim, busquei ao longo deste estudo estabelecer como que um “bate bola” com a literatura acerca do futebol produzida no campo das ciências humanas e sociais.

ANTES DO APITO INICIAL: OS DISCURSOS MIDIÁTICOS ANTERIORES AO INÍCIO DA COPA DO MUNDO DE 2006.



Antes do início da Copa do Mundo FIFA 2006, grande parte das expectativas estavam sobre duas seleções, tidas por muitos, como as favoritas para vencer a Copa na Alemanha: A seleção brasileira, campeã, um ano antes (em 2005, portanto) da Copa das Confederações e Campeã mundial na última edição da Copa (2002) e a seleção Alemã, anfitriã do torneio que, mesmo não fazendo uma boa Eurocopa 2004¹, teve uma boa participação na Copa anterior, fazendo a final com a seleção brasileira. No entanto, neste estudo me deterei, quase que exclusivamente, na seleção do Brasil, cuja esperança de mais um título (o sexto na sua história) cerceava grande parte da população brasileira, além dos críticos e admiradores do futebol pelo resto do mundo.

Segundo reportagem² da Folha de São Paulo (FSP) publicada em 16 de Maio de 2006, a seleção formada por Parreira era “mais velha, mais estrangeira, mais saudável, mais galáctica, menos polêmica”. Formada por atletas mais velhos, ou mais experientes como preferem alguns, esta equipe possuía uma média de idade de 28,4 anos, composta por grande parte dos atletas que estavam na Copa anterior e que atuavam em equipes europeias.³Neste aspecto, segundo reportagem⁴ da FSP de 16/05/2006, a Copa do Mundo de 2006 foi “dominada” por atletas que estão em atividade em clubes europeus.

No entanto, se somente o fato de se tratar da atual campeã do mundo e atual campeã da Copa das Confederações já rendia à seleção brasileira muitas expectativas otimistas, grande parte dos comentários e análises se pautou em quatro jogadores específicos convocados: Ronaldinho Gaúcho, Kaká, Adriano e Ronaldo. Ronaldo, grande destaque da última Copa e eleito melhor jogador do mundo em três anos (1995, 1997 e 2002), mesmo com certa desconfiança por conta da sua condição física, foi convocado como grande esperança de gols. Seu parceiro de ataque, Adriano, era aclamado na Itália como o Imperador. Kaká, apesar de jovem, era o grande destaque da equipe do Milan e fazia uma ótima temporada no campeonato italiano e por fim, aquele que vinha com status de maior jogador dos últimos

¹ A seleção Alemã sequer se classificou para as quartas de final, ficando atrás, na fase de grupos, da inexpressiva seleção dos Países Baixos. A final foi realizada entre Grécia e Portugal, tendo a Grécia como vencedora (1x0) e campeã da Eurocopa 2004.

² “Parreira festeja sua base e descarta goleiro do penta”. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2006/05/16/20/>>. Acesso em 04 de Julho de 2014.

³ Somente o goleiro Rogério Ceni e o meia Ricardinho atuavam nesta época em equipes brasileiras, São Paulo e Corinthians respectivamente

⁴ “Ricaços da Europa mandam no mundial”. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2006/05/16/20/>>. Acesso em 04 de Julho de 2014.



anos, melhor atleta do Barcelona e eleito o melhor do mundo nos dois anos anteriores à Copa: Ronaldinho Gaúcho. Os quatro, juntos, viriam a formar o que a mídia veiculou como o “quadrado mágico”.

A menção ao quadrado mágico realizada antes do início do Mundial não surgiu por acaso. Historicamente, a seleção brasileira é reconhecida por possuir um futebol arte, mágico, bonito. Neste aspecto, assim como nos adverte Toledo (2000) - que, a partir das análises das dimensões práticas e simbólicas, busca entender o estilo brasileiro de jogar futebol -, a seleção brasileira de 1958 teve papel importante para este reconhecimento tanto interno (para a sociedade brasileira) quanto externo (para o restante do mundo), visto que:

“[...] a partir de 1958, com o reconhecimento definitivo de Didi, Garrincha, Vavá, Nilton Santos, Zagalo e tantos outros jogadores (Pelé despontaria no terceiro jogo) o Brasil consolidaria “para fora” a imagem de país do futebol. E, “para dentro”, confirmaria o vaticínio do encontro simbólico de um futebol marcado pela individualidade revelada no *estilo*, muitas vezes substantivado na ideia de alma, jeito, habilidade inata, caráter nacional ou ainda determinado pelos desdobramentos sociais e simbólicos do fenômeno da raça e da miscigenação brasileira”. (TOLEDO, 2000, p.134)

Se entre torcedores e admiradores tal caracterização é quase unânime, a literatura passou a analisar criticamente algumas destas categorias impostas ao futebol brasileiro. De acordo com DaMatta (1994, p.16), “o chamado ‘futebol brasileiro’ se representa a si mesmo como uma modalidade caracterizada no uso excepcionalmente habilidoso do corpo e das pernas, o que cria um jogo bonito de se ver”.

Por sua vez, segundo Campos e Moraes (2010):

“A existência hoje de um “estilo brasileiro de jogar”, entendido como o manejo particular de um repertório de habilidades técnicas e táticas individuais e coletivas, deve ser posto em xeque devido à diversidade regional do país e ao embaralhamento provocado pela globalização. Ao mesmo tempo, ele indica uma forma muito singular do jogo que precisa ser compreendida nas suas especificidades diferenciadoras”. (CAMPOS e MORAES, 2010, p.130)

A SELEÇÃO DO POVO E O QUADRADO MÁGICO:

Se com a convocação de Ronaldinho Gaúcho, Kaká, Ronaldo e Adriano o “quadrado mágico” estava garantido, a convocação de outros atletas no lugar de alguns contestados trouxe à tona o discurso de formação da seleção do povo, ou seja, uma equipe formada por



atletas que sejam unanimidade (ao menos entre a maioria) para a população brasileira. Segundo coluna da FSP de 16/05/2006 escrita por Clóvis Rossi, como queriam 11 a cada 10 cronistas esportivos, Marcos cedeu lugar a Rogério Ceni. O contestado jogador do Palmeiras Roque Junior, deu lugar a Cris, que, apesar de não ser o “favorito do povo” tinha maior aceitação que Roque Junior. Rossi complementa dizendo que “Fred, jogador que expressava a alegria e leveza do centroavante contemplou o interesse de tantos outros torcedores”.

Convocar uma seleção, definir um esquema tático, escalar uma equipe principal e outras tantas tarefas inerentes ao treinador de uma seleção nacional, ocupa, no Brasil, uma posição diferenciada, pois certamente entre nós, brasileiros, o futebol é a modalidade esportiva mais praticada, assistida e consumida. Como nos adverte Toledo (2000), “o que sustenta a popularidade do futebol não é, obviamente, seu enquadramento institucional de um lado e, de outro, seu enquadramento moral, dos torcedores, mas a relação entre estas duas dimensões” (TOLEDO, 2000, p.5).

Com a seleção estando de agrado de grande parte da população brasileira, cabia ao então “quadrado mágico” transformar em realidade à expectativa de título de milhões de brasileiros. O papel do então treinador Carlos Alberto Parreira seria fazer com os quatro atletas jogassem pela seleção o que vinham jogando pelos seus clubes. Este, aliás, era o grande desafio, principalmente em fazer com que Ronaldinho Gaúcho tivesse desempenho semelhante ao que por dois anos o consagrou como melhor jogador de futebol do mundo.

No entanto, a composição do quadrado mágico não era percebido somente do ponto de vista positivo. Em reportagem da Folha de São Paulo do dia 21 de Maio de 2005 os defensores da seleção brasileira alertavam para o perigo de ficarem sobrecarregados. Juan disse: “o quadrado sobrecarrega a defesa, claro!”. O zagueiro Luizão, do Benfica, afirmou: “é complicado para quem está lá atrás”.

No dia 03 de Junho de 2006, segundo reportagem⁵ da FSP, os jogadores brasileiros que atuam no futebol italiano, por serem atletas melhores preparados taticamente serão os responsáveis por dar à equipe a estabilidade colocada em prova por alguns atletas. Kaká, tido na reportagem como peça chave do quarteto, disse: “hoje eu enxergo muito mais o jogo. A disciplina tática na Itália é muito exigida. Uma coisa é enxergar o jogo taticamente fora de jogo, outra é fazer isso jogando, de cabeça quente. Na Itália, aprendi a fazer isso, a observar

⁵ “Táticos, ‘italianos’ dão estabilidade para quadrado”. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2006/06/03/20/>>. Acesso em 04 de Julho de 2006.



como o rival está taticamente”. Já Adriano, jogador da Inter de Milão, afirma que o “futebol na Itália é muito tático, muita força”, fato que facilita o trabalho quando chegam à seleção brasileira. Cafú, em tom de incerteza afirma: “Só vamos saber se o quarteto vai funcionar quando a Copa começar”.

Após a convocação da seleção brasileira, grande parte dos comentários e análises da mídia esportiva se pautava se o Brasil conseguiria, ou não, repetir o feito da última Copa e sagrar-se hexacampeão. Soninha, em coluna publicada na FSP em 18/05/2006, apesar de reforçar o quanto somos, nacionalmente e internacionalmente, francos favoritos ao título questionou a capacidade de êxito: “Seremos capazes?” dizia ela. O favoritismo imposto ao Brasil era esperado. Em mesma coluna Soninha afirma que “a imagem do futebol brasileiro é a melhor imagem que o Brasil tem no mundo... Se não fosse pelo futebol, não significaríamos quase nada para a maioria dos estrangeiros”.

Tal discurso, aliado ao favoritismo adjudicado e assumido pela seleção brasileira, nos remete a necessidade de análise de uma das categorias do futebol: o Brasil como país do futebol.

Em reportagem realizada pela FSP em 13/06/2006, um dia antes da estreia da seleção brasileira, palavras como “super”, “máster”, “ultra”, “maxi”, “hiper” e “power” foram utilizadas em manchete para refletir o favoritismo do Brasil. Segundo tal reportagem, a seleção brasileira é melhor até mesmo que o Dream Team (time dos sonhos) do basquete norte americano campeão olímpico de 1992.

Se o discurso da mídia esportiva antes da estreia da seleção brasileira era de total otimismo, após a realização da primeira partida o discurso era de reprova do “quadrado mágico” e da seleção como um todo. Conforme reportagem da FSP de 14/06/2006, “a seleção do quadrado mágico reproduz futebol burocrático do time do tetra”. Do inesperado, brilhantismo e belas jogadas esperadas da seleção brasileira, o que se viu na partida contra a Croácia foi “um insistente toque de bola, jogo burocrático, lento, sem criatividade”.

- BRASIL X CROÁCIA: ANÁLISE DA PRIMEIRA RODADA

Dia 13 de Junho de 2006 foi data da estreia da seleção brasileira, atual campeã do torneio e a equipe adversária foi a seleção da Croácia que juntamente com Austrália e Japão compôs o grupo F.



Como já enunciado neste texto, a seleção brasileira vinha como franca favorita, sobretudo se levarmos em consideração somente esta primeira partida. A grande expectativa estava sobre a forma como se comportaria o quarteto formado por Kaká, Ronaldinho Gaúcho, Adriano e Ronaldo, denominado pela mídia esportiva de “quadrado mágico”.

O resultado (1x0 para o Brasil) e, sobretudo, o fraco desempenho da seleção brasileira repercutiram também na imprensa esportiva internacional. Clóvis Rossi, autor de coluna publicada na FSP em 15/06/2006, trouxe a manchete do jornal argentino “Olé” para retratar sua percepção em relação à qualidade da seleção brasileira. “O Brasil é deste planeta... Os que se imaginavam e eram quase unanimemente tidos como ET’s do futebol, donos de superpoderes, tiveram um dia/uma noite de seres humanos triviais, normais, até abaixo do normal”.

O fraco desempenho da seleção brasileira no jogo contra a Croácia colocou em discussão a permanência do quadrado mágico e mais do que isso, trouxe à tona o debate dentro do grupo de jogadores sobre o futebol espetáculo X o futebol de resultado. Em reportagem da FSP de 17/06/2006, Ronaldinho Gaúcho, maior esperança de espetáculo da seleção brasileira, afirmou que tinha como objetivo “fazer um quarteto com muita alegria para poder fazer muitas jogadas de gols”. Em contrapartida, Emerson emitiu posicionamento divergente ao jogador do Barcelona. Para ele, “show não ganha. Não adianta. Vamos fazer gol, não interessa como, de costas, de canela. Estamos aqui para ganhar a Copa. Não queremos sair daqui como a seleção que dá show e não ganha nada”.

As manchetes dos dias que antecederam a segunda rodada da Copa estampavam uma preocupação com o ataque. A capa do Caderno de Esportes da FSP do dia 18/06/2006 dizia: “Quem diria que o ataque seria a preocupação e que a defesa o ponto forte? Que a seleção já estaria pressionada? Que a atitude em campo seria burocrática?”. “Quem diria, por exemplo, que as preocupações do time fossem o ataque e o seu badalado quadrado mágico, e não a defesa tida como frágil e desprotegida?”. Quem diria que o próprio quarteto mágico não está garantido nos mata-matas.

- BRASIL X AUSTRÁLIA: ANÁLISE DA SEGUNDA RODADA

Disputada no dia 18 de Junho de 2006, a partida entre Brasil e Austrália terminou com mais uma vitória brasileira e com a vitória o Brasil já garantiu vaga na próxima fase da Copa. A capa do jornal FSP do dia 19/06/2006 estampava a manchete: “Sem magia, Brasil vence e



se classifica”. Em alusão ao tão falado quadrado mágico e seu fraco desempenho, a seleção brasileira repete uma atuação muito aquém do esperado, realizando uma partida, “sem brilho” que trouxe uma vitória que não foi de “todo convincente”. A valorização da vitória em detrimento do “futebol arte”, espetáculo, também esteve presente na fala de alguns atletas após a partida. Zé Roberto, por exemplo, eleito melhor jogador da partida pela Fifa, afirmou: “Todo mundo espera espetáculo, mas o Brasil está mentalizado em vitórias”.

Após mais um fraco desempenho do “quadrado mágico”, Parreira passou a colocar à prova a continuidade do quarteto ofensivo. Em reportagem⁶ da FSP, quando questionado se o quarteto ofensivo seria mantido para as próximas partidas, Parreira levantou uma dúvida e afirmou querer um “time com saúde”. Vale ressaltar que além da questão técnica, fatores como a condição física (lesões e cansaço) e o número de cartões também foram motivos de preocupação para o treinador escalar a equipe para o terceiro, e último, jogo da primeira fase.

A dúvida na escalação da equipe que disputaria a última partida da primeira fase (contra a seleção do Japão) foi polemizada em reportagem⁷ publicada na FSP em 21/06/2006. Insatisfeito com o ataque da equipe, Parreira pretendia realizar alterações, mas não divulgou antecipadamente quais seriam elas. Tal reportagem explicitou que a dúvida estaria na escalação de Adriano ou a entrada de Robinho em seu lugar. Entretanto, mais do que uma escolha por nomes, tratava-se de uma escolha por estilo: “um mais europeu, com o parrudo atacante da Inter, outro mais à brasileira com o franzino driblador do Real Madrid”.

- BRASIL X JAPÃO: ANÁLISE DA TERCEIRA RODADA

A seleção brasileira entrou em campo em 22 de Junho de 2006 em duelo contra seleção do Japão. Conforme hipotetizado pela imprensa nos dias que antecederam a partida, o Brasil veio a campo com um time bastante modificado, mas o resultado foi bastante convincente: 4x1.

O reconhecimento da boa partida realizada pela seleção brasileira estava estampada na primeira capa do caderno Copa 2006 da Folha de São Paulo do dia 23 de Junho de 2006: “show de calouros”⁸. Nesta reportagem fazia-se referência à primeira boa partida da seleção

⁶ “Parreira faz mistério sobre quarteto”. Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fsp/2006/06/19/20/>. Acesso em 26 de Junho de 2014.

⁷ “Brasil x Brasil”. Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fsp/2006/06/21/20/>. Acesso em 30 de Junho de 2014.

⁸ Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fsp/2006/06/23/20/>. Acesso em 30 de Junho de 2006.



brasileira e creditava grande parte deste sucesso à entrada dos cinco reservas. “A seleção mostrou um vigor que a formação anterior, longe de estar afiada após quase um mês de treinamentos quase sempre em campos reduzidos, não demonstrou.” Se as substituições não mudaram a formação tática da equipe (“o time não mudou a maneira de jogar, mudaram apenas os nomes”, disse Parreira em reportagem supracitada).

Mesmo com o falado (após as duas primeiras rodadas não mais tão falado quanto anteriormente) quadrado mágico desconfigurado⁹, o quarteto ofensivo foi tema de reportagem publicada na FSP em 23/06/2006. Dizia a manchete: “Quadrado faz virada inédita na sua história”. A euforia pela vitória foi tanta que as manchetes faziam alusão à volta do estilo brasileiro de jogar. Segundo reportagem¹⁰ de 23/06/2006, a seleção brasileira jogou como tradicionalmente é reconhecida: “Com poucas faltas, muitos dribles e excelência nos passes. Se dias antes Parreira havia afirmado que em Copa, “show é vencer”, após esta vitória o treinador da seleção brasileira disse que “vencemos jogando no estilo brasileiro”. Afinal, existe um jeito brasileiro de jogar futebol? Qual é o estilo brasileiro de jogar futebol?

Segundo Wisnik (2008) “o futebol brasileiro tem uma natureza singular”. Acrescenta dizendo que o estilo nacional do futebol brasileiro é realizado a partir de uma aproximação com estilos literários. Para ele é possível identificar um estilo alemão, italiano, argentino, brasileiro. Por outro lado, de acordo com Campos e Moraes, (2010), “o estilo brasileiro não se diferencia do “jogo duro dos gringos” por uma predisposição natural, uma prontidão coletiva, nem tampouco devido à sua miscigenação étnica”. (CAMPOS e MORAES, 2010, p.130)

Dessa forma, Toledo (2000) nos adverte em relação a esta associação mecânica (realizada repetidamente nos veículos midiáticos, tal como verificamos aqui), entre o desempenho e estilo de uma seleção de futebol:

“Os desempenhos de seleções nacionais na busca por reconhecimentos, pensando, por exemplo, nos países sul americanos, deveriam expressar a *personalidade, fisionomia* ou o *jeito* de cada povo, evidenciados na *garra* argentina ou uruguaia ou na *malícia* brasileira... Porém, é preciso advertir, somente o *jeito* ou o estilo, que se revelam num repertório bastante heteróclito de categorias nativas muito em voga, tais como as noções de ginga, malícia, raça, virilidade de um povo, não definem exclusivamente o futebol por ele praticado, como querem as análises excessivamente culturalistas, que muitas vezes divorciam as representações engendradas em

⁹ Kaká e Adriano deram lugar à Juninho e Robinho.

¹⁰ “Brasil que parece Brasil demonstra sua eficiência”. Disponível em <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2006/06/23/20/>>. Acesso em 30 de Junho de 2006.



torno do futebol da sua evolução técnica, individual e coletiva”. (TOLEDO, 2000, p.79)

A melhora na partida contra o Japão fez a comissão técnica repensar a escalação para a próxima partida. Em meio às especulações de mudanças, a mídia esportiva deu destaque para Robinho. Segundo reportagem¹¹ de 24/06/2006, com Robinho no lugar de Adriano o quadrado mágico poderia ser mantido e, dessa forma, garantiria o sucesso do sucesso da seleção brasileira. Ainda de acordo com tal reportagem, o famoso quadrado mágico só funcionou bem com Robinho em campo.

Apesar do desempenho oscilante ao longo da primeira fase e das inúmeras dúvidas quanto à escalação e desempenho de alguns jogadores específicos, a seleção brasileira terminou a primeira fase, junto com a seleção espanhola, como uma das equipes com números mais favoráveis.

Antes do início da fase eliminatória, novamente o discurso sobre futebol show x futebol de resultados esteve presente nas mídias esportivas. Segundo reportagem¹² da FSP de 27/06/2006, “no mata-mata com seca de gols, o Brasil esquece jogo bonito e prega eficácia para ir às quartas”. Completava dizendo: “Sem show, sem espetáculo. É a regra do mundial”. Nesta reportagem o treinador Carlos Alberto Parreira emitiu sua opinião sobre o estilo de jogo a ser adotado na próxima partida: “O principal é ganhar. Se puder dar espetáculo, se puder jogar bonito, entre aspas porque essa palavra não se aplica ao futebol, tudo bem. O importante é ter eficiência. Ninguém é contra jogar bonito e com eficiência”.

- BRASIL X GANA: COMEÇA O MATA-MATA.

O jogo entre Brasil e Gana, realizado em 27 de Junho de 2006, terminou com uma vitória brasileira por 3x0 com gols de Ronaldo, Adriano e Zé Roberto. No entanto, se o placar aparenta uma vitória convincente e que, supostamente, agradaria a todos, o que se viu o contrário: descontentamento e vaias.

Com a vitória a seleção brasileira passou às quartas de final da competição, fase em que enfrentaria a seleção francesa. Uma oportunidade de revanche da derrota sofrida na final

¹¹ “Com Robinho, Brasil-06 traz à tona o Brasil-58”. Disponível em <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2006/06/24/20/>>, acesso em 01 de Julho de 2014.

¹² “Meio à zero”. Disponível em <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2006/06/27/20/>>. Acesso em 01 de Julho de 2014.



de 1998, ocasião em que a seleção brasileira foi duramente derrotada por 3x0 pela seleção comandada pelo “astro” Zidane.

Este jogo merecerá neste texto maior destaque. Além de analisar os comentários, notícias que antecederam a partida, o resultado, o desempenho de ambas as seleções, tentarei compreender o significado das categorias “futebol arte” e “estilo brasileiro”, representada pelo “quadrado mágico” brasileiro e mais, buscarei também responder à pergunta que inicialmente marcava meu pensamento desde o início deste texto: Afinal, de que lado está a magia?

A DESPEDIDA: AFINAL, DE QUE LADO ESTÁ A MAGIA?

Dia 01 de Julho de 2006, data do confronto entre Brasil e França, foi mais um dia a ser esquecido pela seleção brasileira. Com gol de Henry a França derrotou e Brasil e frustrou de vez a esperança de ver a seleção brasileira, sobretudo na figura do seu “quadrado mágico”, conquistar o hexa campeonato.

Se a possibilidade de revanche e as incertezas na escalação tiveram demasiado espaço na imprensa esportiva, certamente as análises de ordem técnica e tática ganharam maior destaque. A esperança de que a seleção brasileira pudesse realizar uma partida melhor, fez com que manifestasse a preferência por “manter o quarteto ofensivo, ainda mais se Robinho substituir Adriano”.

Entretanto, a preferência de Tostão¹³ não foi confirmada por Parreira no momento de escalar a seleção brasileira. Pela primeira vez nesta Copa, o treinador brasileiro desfez o “quadrado mágico” e escalou Juninho na vaga de Adriano. Com a mudança na escalação, o sistema de jogo da seleção brasileira muda e com isso a mídia esportiva passou a se dedicar a analisar como se comportaria a seleção brasileira e mais, como se comportava também a seleção da França. Reportagem¹⁴ publicada em 01 de Julho de 2006 na Folha de São Paulo afirma que são os camisas 10 de cada seleção, Ronaldinho e Zidane, que ditam o ritmo de jogo de suas equipes. Ronaldinho e Zidane, referências de suas respectivas equipes eram, de fato, as maiores esperanças de tornar este jogo, um belo jogo.

¹³ “Tá bom e ruim”. Disponível em <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2006/06/29/20/>>. Acesso em 02 de Julho de 2014.

¹⁴ “Rei do toque de 1ª, Brasil desafia a cadência francesa”. Disponível em <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2006/07/01/20/>>. Acesso em 02 de Julho de 2014.



Os debates preliminares do jogo entre Brasil e França não se limitaram ao campo de jogo e história dos confrontos entre as equipes. Em reportagem¹⁵ do dia 30/06/2006, o atacante Francês Henry, em resposta ao questionamento sobre o que lhe remetia o futebol brasileiro, causou certa polêmica ao associar a técnica dos brasileiros ao pouco tempo que as crianças do país passam na escola. “O que era para ser elogio soou como preconceito”. Em sua análise, o atacante francês afirmou que a seleção brasileira é um time com uma “identidade, que joga bola o tempo todo. Se eles ganham o jogo de 3x0 sem jogar bem é uma catástrofe para o país. Existe uma identidade, como na Argentina, que não existe entre nós. Eles jogam na praia, na rua, e até nas estradas eles param para jogar... Eles nascem jogando futebol”. E continuou sua análise elogiando os jogadores brasileiros e a seleção: “São jogadores sem comparação. Não podemos ignorar as cinco estrelas no uniforme deles, nem tudo o que fizeram na história do futebol”. Enfim, tal discussão trouxe ao jogo um ar de rivalidade ainda maior.

Rivalidades e discursos à parte, ao término da partida, mais uma vez a seleção brasileira foi derrotada. Com o 1x0 contra o Brasil, em gol marcado por Thierry Henry após falha da defesa brasileira a França eliminou a grande favorita ao título, a seleção brasileira, e seguiu para as semifinais. A repercussão da derrota na imprensa brasileira, como de se esperar, foi rápida e negativa. A capa da Folha de São Paulo de 02 de Julho de 2006 dizia: “França, DE NOVO, elimina o Brasil”. Em reportagem de capa do caderno Copa 2006 da Folha de São Paulo estava estampado: “Sem mágica, sem tática, sem fôlego, sem craque, sem time, sem raça, sem hexa, sem desculpa!”.

O jogo em si demonstrou ampla superioridade da equipe francesa. Segundo reportagem¹⁶ da Folha de São Paulo de 02 de Julho de 2006, “o Brasil viu a França passear”, mesmo tendo em campo “a geração mais talentosa dos últimos anos”. Kaká, um dos ícones desta geração e peça importante no tão falado quadrado mágico disse ao fim da partida: “Desculpa. Não fomos a verdadeira seleção, com toque de bola, criatividade. Em instante algum fomos a seleção brasileira”.

Em sua análise, Tostão revelou em coluna publicada na FSP em 02/07/2006 que o tão esperado show, mágica, talento esperado do Brasil, sobretudo em seu “quadrado mágico”,

¹⁵ “Eles jogam das 8hs às 18hs, diz Henry”. Disponível em <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2006/06/30/20/>>. Acesso em 02 de Julho de 2014.

¹⁶ “Brasil 0 X 1 França”. Disponível em <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2006/07/02/20/>>. Acesso em 02 de Julho de 2014.



veio da equipe adversária. E acrescentou: “A França foi muito melhor durante todo o jogo. Zidane deu um show de bola. Um espetáculo”. Sem dúvida, o comentário mais interessante e que merece ser ressaltado e analisado posteriormente, foi realizado pelo presidente da federação francesa: “Ele [Zidane] parecia o brasileiro em campo”.

Se do lado brasileiro Ronaldinho Gaúcho, que chegou à Copa do Mundo na condição de melhor jogador do mundo, teve contra a França sua pior atuação nesta Copa, o mesmo não se pode dizer de Zidane. Segundo reportagem¹⁷ da FSP de 02/07/2006, Zidane liderou sua seleção em quase todos os fundamentos. “Deu 5 dribles, alguns humilhantes, como o chapéu em Ronaldo... E oito desarmes”. Destoou em campo e comandou a vitória da seleção francesa e não por acaso foi eleito pela FIFA o melhor jogador da partida.

Afinal, a que seleção o jogador Kaká se referiu em citação acima? Qual seleção é ícone do futebol arte? Se o “quadrado mágico” brasileiro não vingou, de que lado está a magia? Será que podemos creditar à magia/arte à somente uma seleção ou país?

De acordo com Campos e Moraes (2010):

“O Brasil não é ‘o país do futebol’ mais do que Argentina, Inglaterra, Espanha e Itália, onde sua prática é também capaz de potencializar e expressar determinadas tensões sociais”. (CAMPOS e MORAES, 2010, p.130)

A opinião emitida por Clóvis Rossi em coluna publicada na FSP em 03/07/2006 pode nos ajudar, se não a responder, a ao menos tentar compreender o significado de tais perguntas. Disse: “É daqueles de ficar na história o recital de magia que Zidane aplicou ontem em uma seleção brasileira sem alma, sem organização, sem futebol, sem sequer lampejos daquela mágica de que tanto falamos os jornalistas”. Tostão afirmou em sua coluna¹⁸ da FSP que “o Brasil jogou muito mal com o quarteto ofensivo e com os três volantes no jogo contra a França... O Brasil assistiu ao excepcional Zidane dar um show”.

FIM DE JOGO: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste estudo, cujo objetivo maior foi, a partir da Copa do Mundo de futebol realizada em 2006, identificar e analisar determinadas categorias analíticas sobre o

¹⁷ “Após lição, Zidane sai quieto”. Disponível em <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2006/07/02/20/>>. Acesso em 03 de Julho de 2014.

¹⁸ “Não somos idiotas”. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2006/07/03/20/>>. Acesso em 03 de Julho de 2014.



futebol utilizadas pela mídia esportiva, concluo que tanto a identificação do Brasil como o país do futebol, quanto da seleção brasileira como a detentora do futebol arte, bonito, mágico, principais categorias de análise identificadas, estão demasiadamente presentes entre jornalistas, cronistas, jogadores, comissão técnica e algumas literaturas sobre futebol.

Entretanto, há recentemente autores que buscam confrontar a existência destas categorias de análise desmistificando essa associação culturalista realizada entre o futebol brasileiro e seu estilo de jogo. Neste texto, ao trazer para o campo de análise o desempenho da seleção brasileira na Copa do Mundo de 2006, manifestado sobretudo pelo quadrado mágico, pode-se constatar que de mágica a seleção brasileira não teve nada. Pelo contrário, a beleza, ginga, dribles... enfim, a magia esperada da seleção brasileira pode ser visualizada, por exemplo, na seleção francesa, refletida na figura do seu principal jogador, Zinedine Zidane, em partida que eliminou a “favorita” seleção brasileira.

Entretanto, por ser tratar de somente um caso, um exemplo, carecemos de mais estudos que busquem analisar o desempenho da seleção brasileira e demais seleções confrontando com as categorias analíticas historicamente atribuídas a tais equipes.



WORLD CUP 2006: THE "MAGIC QUARTET" AND THE ANALYTICAL CATEGORIES
OF BRAZILIAN SOCCER

ABSTRACT

This study had as objective identify and analyze certain analytical categories about soccer used by media (Folha de São Paulo, May to July 2006). Categories as soccer country, art soccer, magic are often present in the sportive media and soccer literature even if some stand up to the existence of these categories.

KEYWORDS: Soccer, World Cup, Analytic categories

COPA DEL MUNDO 2006: EL "CUADRADO MÁGICO" Y LAS CATEGORÍAS
ANALÍTICAS DEL FÚTBOL BRASILEÑO

RESUMEN

Este estudio tuvo como meta identificar y analizar ciertas categorías analíticas sobre el fútbol utilizadas por los medios de comunicación (Folha de São Paulo, Mayo-Julio de 2006). Categorías como el País del fútbol, fútbol arte, mágico están muy presentes en la prensa deportiva y literaturas sobre fútbol, aunque algunas confronten la existencia de estas categorías.

PALABRAS CLAVES: Fútbol; Copa do Mundo; categorias analíticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CAMPOS, F. MORAES, J. *Como o Brasil entra em campo*. Revista de História, São Paulo, n. 163, p. 129-135, jul./dez. 2010.

DAMATTA, Roberto. *Antropologia do óbvio: Notas em torno do significado social do futebol brasileiro*. Revista Usp. São Paulo: vol. 22. p.10-17, 1994.

_____. *A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

FRANCO JUNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: Futebol, sociedade e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Futebol e orgulho nacional*. Le Monde Diplomatique Brasil, São Paulo, n. 35, jun. 2010.

RITCHER, Ricardo. A. A Copa do Mundo FIFA de 2014 perante os legados da Copa do Mundo FIFA 2006 – um desafio para o “país do futebol”. In: GIGLIO, Sérgio. S.; SILVA, Diana M. M. (orgs). *O Brasil e as Copas do Mundo: futebol, história e política*. São Paulo: Nova Alexandria, 2014.

GIGLIO, Sérgio; RUBIO, Kátia. As relações entre COI e a FIFA e a formação da Copa do Mundo de futebol. In: GIGLIO, Sérgio. S.; SILVA, Diana M. M. (orgs). *O Brasil e as Copas do Mundo: futebol, história e política*. São Paulo: Nova Alexandria, 2014.



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

TOLEDO, Luis. H. *Lógicas no futebol: Dimensões simbólicas de um esporte nacional*. Tese de doutorado em Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.

WISNIK, José M. *Veneno Remédio: O futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.